



Usos da escrita biográfica no Brasil oitocentista (1800 – 1860)

PAULO ROBERTO DE JESUS MENEZES*

Para Sabina Loriga, já no século XVIII havia uma opinião compartilhada por muitos de que o destino individual dos homens ilustres permitia compreender as escolhas de uma nação (LORIGA, 1998: 229). Sendo assim, neste artigo mostrarei as várias possibilidades para o uso da biografia, analisando seu uso tanto como uma forma de representação do passado quanto de distinção social no oitocentos, bem como as tensões e apropriações daí advindas.

Nos primeiros anos do século XIX as biografias foram configuradas em torno da mera exemplaridade passando a alvo de polêmicas na década de 1860. Para além da escrita histórica, a biografia estava inserida em um quadro de transformações sociais que punham na ordem do dia a secularização da vida moderna. O homem flagrado na sua exemplaridade, mas também em seus vícios e virtudes.

Neste sentido, a escrita biográfica tem um papel relevante para aqueles que estudam a cultura histórica no Brasil do século XIX. Qual a função da biografia na elaboração do passado no Brasil oitocentista? As obras biográficas despertaram a atenção de outro público além do “esclarecido”? Estavam ligadas apenas à escrita histórica ou o furor biográfico ligava-se ao surgimento de outras subjetividades, dentro do que Sabina Loriga (2011) chamou de “fronteira, fluida e instável” entre biografia, literatura e história?

Já nos anos iniciais do século XIX as discussões sobre a forma de escrever biografias assim como sua finalidade ganharam espaço na imprensa periódica. A edição 008 do ano de 1812 do Correio Braziliense assim descrevia a utilidade das biografias:

Particularités et observations, &c. Particularidades e observações, sobre os Ministros de Finança de França que tem sido mais celebres, desde 1660, até 1791; 1 Volume, 8º Londres 1811.

A biografia dos homens públicos é um dos ramos mais instrutivos, e importantes da história, para um político porque por eles nós aproveitamos não só de nossa experiencia; mas também dos erros e acertos de nossos maiores. É difícil referir a história de maneira que a faça útil, sem entrar nos motivos; e causas das ações que se referem, em tanto quanto é possível pesquisar as intenções dos homens; porque comparando a intenção com o ato, e resultado, podemos aproveitarmos do exemplo imitando, ou evitando o proceder da pessoa que estudamos. Tal político intenta uma negociação com uma potência sem intenção nem desejos que ela seja bem-sucedida, e unicamente, para com isso fazer negaça a outra: sem, portanto, entender as molas ocultas, mal podemos saber se os meios empregados para a negociação foram ou não bem adotados, e são dignos de imitação, ou evitados. He este o grande uso da biografia.

*NUBHES/UERJ, DOUTOR



A de que tratamos¹ é de um gênero pouco ingular(sic), e ainda que os escriptores franceses se deixem muitas vezes levar da vivacidade de sua imaginação, contudo a facilidade de sua penetração os faz próprios para desempenhar uma obra desta natureza. (...). Na verdade, uma biografia é necessário que represente as ações boas e más dos homens públicos; porque aquele, cujo número de boas qualidades prepondera sobre as más, deve ser chamado bom; e outro, cuja a preponderância é de más qualidades, deve ser chamado mau: e poucos serão os homens em que se não ache esta mistura de caráter².

Em primeiro lugar, é interessante perceber o caráter pragmático do autor em sua resenha: tomar a biografia de homens públicos, um dos ramos mais instrutivos da história, para aprender tanto com as experiências quanto com seus erros e acertos. Outro importante procedimento é o vínculo entre história e biografia. A utilidade do saber histórico, neste caso o biográfico, estava em compreender por quais motivos agiram³ os homens e, a partir deste conhecimento, tomar uma ou outra direção. E, ainda que os escritores franceses se deixassem levar muitas vezes pela vivacidade da imaginação, eles estavam aptos a escreverem biografias dada a facilidade de sua penetração, leia-se circulação.

Mas o grande uso da biografia era “entender as molas ocultas”⁴, ou seja, o subjacente às atitudes tomadas, aquilo que as impulsionavam e, ao entendê-las, o leitor estava apto a imitar, ou também evitar os exemplos da pessoa “estudada”⁵. Neste caso, a escrita biográfica era mediadora entre dois conhecimentos: o do personagem e as seus atos. O autor defende a ideia de que tanto as boas quanto as más ações deviam ser descritas e só pesando-as seria possível julgar a personagem retratada. Concluía afirmando que não havia bons ou maus

¹ Trata-se da biografia Jacques Necker, ministro das finanças da França por diversos períodos.

² Correio Braziliense, edição 008, 1812.

³ Muito embora pense que o autor não o faz intencionalmente, não me parece fortuito o fato de inserir uma discussão importante para o momento: a ligação entre teoria e prática, entre o pensar e o agir. Ou seja, era a partir da mediação entre as duas esferas da existência humana que as biografias serviriam para a tomada de decisões.

⁴ Ainda que não explicita, aqui o autor se remete à escrita de Plutarco: “Também, não são, por certo, as ações mais preclaras que evidenciam a virtude ou o vício; muitas vezes, um ato sem importância, uma frase ou um gracejo qualquer revelam melhor o caráter do que as batalhas de milhares de baixas, os exércitos em linha e os sítios das cidades.” (PLUTARCO, s/d).

⁵ Segundo Sabina Loriga, a ideia de que o destino individual dos homens ilustres permitia compreender as escolhas de uma nação era uma opinião largamente compartilhada ainda no século XVIII. Neste aspecto, o trecho do jornal, de 1812, guarda ainda características do século anterior. O século XIX, segundo a autora, veria aumentar a distância entre a escrita biográfica e a histórica: “a história devia mudar de escala para ir além do caso individual, pois aquilo que, em indivíduos singulares, se revelava confuso e irregular, aparecia na totalidade da espécie como uma sucessão homogênea e coerente de acontecimentos (LORIGA, 1998: 229-231).



homens e sim a mistura de caráter, logo, de alguma maneira sua obra era lugar para julgamentos morais/éticos. Assim, “a individualidade e o bem ou a identidade e a moralidade, apresentavam-se como temas inextricavelmente entrelaçados” (TAYLOR, 2011: 15)

No mesmo periódico apareceram diversos anúncios divulgando obras biográficas com os mais variados propósitos. Na edição 011 de 1813, uma delas é assim anunciada:

General Biography, Vol. VIII. 4to. Preço 2l.2s. O oitavo volume da Biografia Geral; ou vidas críticas, e históricas, das mais eminentes pessoas de todas as idades, países, condições, e profissões, arrançadas por ordem alfabética. Pelo Dr. Aikin, e outros historiadores⁶.

Em outra edição a mesma obra era anunciada com uma sutil, mas importante modificação:

General Biography, Vol. IX. 4to. Preço 2l.2s. Biografia Geral Vol.IX; ou vida das mais eminentes pessoas de todas as idades, países, condições, e profissões, arrançadas segundo a ordem alfabética, critica e historicamente. Pelo Dr. Aikin e outros escritores hábeis (grifos nossos)⁷.

Ou ainda,

Stanfield's Essay on Biography, 8vo. Preço 10s.6. Ensaio sobre estudo e composição de biografia, por Jaime Field Stanfield⁸.

Mas também,

Musical Biography, 2 Vols. 8vo. Preço 1l. 4s. Biografia Musical, ou memórias das vidas e escritos dos mais eminentes compositores, e escritores, que tem florescido em diferentes países da Europa, durante os últimos três séculos, e incluindo memória dos que ainda vivem.

A intenção do A. na execução desta obra foi suprir aos amantes da música com anedotas das vidas, e observações sobre os escritos impressos ou manuscritos, de eminentes mestres, e que não somente sirvam de recreio, e instrução, mas também sirvam de guia para quem quiser comprar as suas obras⁹.

Há de se notar a ampla gama de utilidades da biografia: no primeiro anuncio pessoas eminentes de todas as idades, países, condições e profissões têm o direito, podemos dizer, a terem as “vidas críticas ou históricas” escritas tanto pelo Dr. Aikin como por outros

⁶ Correio Braziliense, Edição 011, ano 1813.

⁷ Correio Braziliense, Edição 012, ano 1814.

⁸ Ibidem.

⁹ Correio Braziliense, Edição 017, ano 1816.



historiadores. Na edição seguinte os historiadores são substituídos “por outros escritores hábeis”, ampliando, desta forma, o conjunto dos habilitados a escrever biografias. O terceiro nos diz que existiam em circulação “manuais” que serviam de guias para composição de trabalhos biográficos. Indício importante da inserção da escrita biográfica em um conjunto maior de textos que dariam conta de uma nova forma de representação do indivíduo, uma vez que “cada pessoa deve ser avaliada com uma medida diferente, que seja apropriadamente sua” (TAYLOR, 2011: 482).¹⁰ Já o quarto incluía, para além dos que floresceram durante os últimos três séculos, os que ainda viviam, ou seja, os contemporâneos, e declara explicitamente que tais obras serviam não só para deleitar e instruir, mas também como auxiliar na decisão de adquirir ou não determinada composição musical, oferecendo para isso anedotas das vidas e observações sobre impressos e manuscritos de eminentes mestres. Nota-se, então, um sentido prático da escrita biográfica. As possibilidades são ampliadas. Na esteira das transformações oriundas da filosofia das luzes, já não se fala em herói, cuja figura entre em crise, e sim em pessoas eminentes. Se em algum momento eram os historiadores que as escreviam, em outro, escritores hábeis podiam assumir a responsabilidade da empreitada, sem que com isso comprometessem seu regime de verdade, neste caso, verdade atribuída à escrita histórica, afinal eram escritas segundo a ordem alfabética, crítica e historicamente. Em um mundo que se transformava vertiginosamente, tanto material quanto subjetivamente, a escrita biográfica aparece como uma das formas de dar a conhecer/ver o homem que emerge destas transformações.¹¹ Mas, seguir seus passos era também olhar o caminho trilhado até então - *durante os últimos três séculos*¹² - e, ao perceber os erros e acertos, imitá-los ou não. Uma decisão que implicava, em fins do século XVIII e início do XIX, no entendimento cada dia maior das diferenças entre os indivíduos.

¹⁰ Este tipo de trabalho pode ser entendido como precursor da multiplicação dos dicionários biográficos percebida por Sabina Loriga para a segunda metade do século XIX (Cf. LORIGA, 2011).

¹¹ Para Charles Taylor, a base da individuação ocorrida no fim do século XVIII foi o expressivismo. Segundo ele, essa ideia, tomada das ciências naturais, tem por base o fato de cada indivíduo ser diferente e original, “e essa originalidade determina como ele deve viver.” Mas, segundo Taylor, a noção de diferença individual não era nova. Nova, diz o autor, “é a ideia de que isso realmente faz diferença quanto ao modo de vida que somos chamados a levar. As diferenças não são apenas variações sem importância dentro da mesma natureza básica; ou diferenças morais entre indivíduos bons e maus. Implicam, em vez disso, que cada um de nós tem um caminho original que devemos percorrer; colocam para cada um de nós a obrigação de viver de acordo com nossa originalidade” (TAYLOR, 2011: 481).

¹² Se tomarmos o ano da edição (1816), notaremos que o autor situa o século XVI como marco temporal importante na confecção do trabalho, ou seja, período que hoje conhecemos como primórdios da Idade Moderna.



No Brasil, antes mesmo da instalação do primeiro tipo¹³ e da fundação do IHGB, as biografias já circulavam compondo ao que chamo pelo nome genérico de galerias de ilustres. Elas eram vistas mais como trabalhos retratísticos do que biográficos.¹⁴ Uma delas, a obra *Retratos, e bustos dos varões e donas que illustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, assim antigos, como modernos na Europa, Africa, Asia, e America datados da época do seu fallecimento com um extracto de suas vidas, tirados de historias, e monumentos antigos. Offerecidos aos generosos portugueses por uma sociedade philopatrica. Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1806. Com licença de S.A.R.*, e que será mais tarde, precisamente em 1817, renomeada de Retratos e elogios dos Varões e Donas que ilustraram a nação portuguesa, contem as biografias de personagens da nobreza de Portugal vinculadas aos respectivos retratos, nos oferecendo assim, indícios não só da circulação de trabalhos biográficos como também da associação entre as linguagens textual e visual na América Portuguesa.

Segundo a correspondência de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, esta obra era editada em Portugal e circulou no Brasil a partir de subscrições organizada por ele e tendo seu pai como um dos responsáveis pelas remessas que aqui chegaram. Em uma das várias cartas em que o trabalho é mencionado, percebe-se o esforço em situá-lo em uma complexa rede de relacionamentos que, partindo de seu pai em Portugal, terminava na Corte do Rio de Janeiro com ramificações em outras províncias e envolvia o comercio, a Igreja, literatos e pessoas de primeira grandeza, *que ali concorrem*, mas que deve se expandir pois *o interesse do conhecimento desta obra é igual, e deve chegar a todos*¹⁵.

¹³ A Impressão Régia foi criada por D. João VI em 13 de maio de 1808. Segundo Marialva Barbosa, esta instalação não foi vista com o algo extraordinário, mas como um ato prático, pois se ligava ao cotidiano da burocracia imperial portuguesa necessitada de dar um ordenamento legal aos atos reais pois “tratava-se apenas de constituir uma atividade administrativa importante para a corte portuguesa” que acabara se instalar no Brasil. (BARBOSA, 2010).

¹⁴ Em seu estudo dedicado aos diversos gêneros da história, José Honório Rodrigues lista grande quantidade de obras biográficas que chamou de *dicionários e trabalhos biográficos brasileiros e portugueses*. Curiosamente, das obras que venho analisando a única mencionada no item “a biografia” é a Galeria dos Brasileiros Ilustres de Sebastião Sisson. As demais como Retratos e elogios de varões e donas que ilustraram a história de Portugal e a Coleção de retratos e biografias das personagens ilustres de Portugal são relacionadas no subitem iconografia do gênero História da arte. Certamente Rodrigues as interpretou como obras retratísticas e não biográficas. (Cf. RODRIGUES, 1969).

¹⁵ Cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos. Escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1934, v. LVI, p. 294-295.



Infere-se das primeiras cartas de Luiz Marrocos seu profundo desgosto com a terra que o veria morrer¹⁶. Foi esta animosidade com a terra brasileira que o impeliu a ação e compreender a importância da obra na aglutinação dos portugueses em torno do trono através dos retratos e elogios aos grandes de Portugal¹⁷. Aquela complexa rede pode ser conhecida através da *Relação das pessoas que mui generosamente se prestaram por assinatura a benefício da publicação* (grifo nosso) na qual constam, entre outros, seu pai Francisco José dos Santos Marrocos; José Bonifácio d'Andrada e Silva; a Livraria do Collegio de S. Bernardo de Coimbra; a Livraria do R. Mosteiro de S. Bento de Lisboa.

Mais do que tratar da história de Portugal, para isso havia outros como José Acurso das Neves que, aliás, era um dos subscritores, Marrocos vê neste trabalho um lugar de refúgio de sua saudade da terra natal bem como da memória daqueles que com a vinda da corte corriam o risco de serem esquecidos. Assim, a escrita biográfica esteve presente em vários momentos de sua correspondência:

Carta Nº29 de 29 de agosto de 1812 .

Meu prezadíssimo Pai e Sr. do meu Coração: (...) Por ora não há fundamento algum para se julgar a restituição de S.A.R. a esse Reino, nem aqui há aparências disso, se não de grandes desejos unicamente, antes pelo contrário se dispõem as cousas para muito devagar, pelo que vejo e observo: é verdade de um momento para outro se pode tomar uma resolução até ali não premeditada: mas eu persuado-me que em quanto não se verificar a Sorte da Península, expelindo-se o inimigo para além dos Períneos, e em quanto se não vir a decisão desta guerra da Rússia, não é prudente expor-se a Real Família a outros perigos. Deus nos faça ver esse venturoso e tão desejado instante para nossa inteira e incrível satisfação: pois lhe confesso que esta terra e gente estão cobertos de maldições dos Europeus por seus péssimos modos em

¹⁶ Da fortíssima indignação, Marrocos passou a conviver melhor com a terra que de início deplorava. Consta da nota biográfica do livro *O bibliotecário do rei..* que ele se casou com uma brasileira, não retornou à Portugal com a corte, permaneceu no Brasil servindo ao príncipe regente D. Pedro. Aderiu à independência e morreu em 1838, aos 47 anos, depois de exercer inúmeros cargos mesmo nos governos regenciais. Cf. MARROCOS, Luís Joaquim dos Santos. 1781-1838. O bibliotecário do rei/trechos selecionados das cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007-, (Cadernos da Biblioteca Nacional).

¹⁷ Para István Jancsó e João Paulo G. Pimenta, com a instalação da corte no Rio de Janeiro ampliou-se grandemente o número de personagens que formavam a sociedade política na América portuguesa, se confrontando o quadro emergente de 1808 com aquele prevalecente anteriormente a essa data. Para eles, o alargamento da sociedade política, fruto da instalação da corte e da nata da administração imperial junto com sua clientela foi a causa deste confronto. Pois no geral essas pessoas desconheciam os padrões de sociabilidade vigentes na América, “e viam no domínio dos ritos peninsulares (sociais, econômicos, culturais ou políticos) instrumento de afirmação de sua diferenciação (quando não de sua superioridade) em relação aos da terra”. A instalação da corte e os variados esforços para dotar a cidade do Rio de Janeiro das características compatíveis com sua nova condição, neste caso, “uma feição europeia”, sustentava a “ilusão dos reinóis de que os padrões de sociabilidade assimilados em Portugal poderiam ter plena vigência nas partes do Brasil”. (JANCÓS; PIMENTA, 2000: 150)



insolências, ladroeiros, e mil outras patifarias, ajustando-se todos a chupar o nosso sangue, e regozijando-se de nossos trabalhos e desgraças. (...) Rogo a vossa mercê me mande na 1ª ocasião de Navio uma cópia da Nota manuscrita, que se pôs no frontispício dos *Grandes de Portugal* (grifo no original) acerca da dúvida ou engano das suas 1.ªs edições (16).”

(16) Memórias Históricas, e Genealógicas dos Grandes de Portugal ...Por D. Antônio Caetano de Sousa, etc. - Lisboa, na Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, 1742, in 8º - Há outra edição: Na Régia Oficina Silviana, e Academia Real, 1755, in 4º - a Biblioteca Nacional possui um exemplar da 1ª edição e dois da 2ª; em um destes há anotações marginais do punho de Francisco José da Serra: no outro, Diogo Barbosa Machado, com brasões coloridos à mão¹⁸.

O comentário da nota 16, feito no original dos anais, nos informa que a obra Memórias Históricas, e Genealógicas dos Grandes de Portugal, impressa em Lisboa, já transitava em terras brasileiras fazendo dos grandes portugueses o contraponto aos nativos posto que a *terra e gente estavam cobertos de maldições dos Europeus por seus péssimos modos em insolências, ladroeiros, e mil outras patifarias, ajustando-se todos a chupar o nosso sangue, e regozijando-se de nossos trabalhos e desgraças*. Os dois lados aparecem perfeitamente delimitados. Homem e terra corrompidos de um lado e, do outro, a grandeza portuguesa pronta para agir, tanto na persuasão para volta da Família Real a Portugal quanto no sentido de diferenciação.

Em uma de suas inúmeras formas, tanto a memória histórica quanto a genealógica implicavam em um dar a ver a genealogia dos Grandes de Portugal. Isto também é pontuado no prólogo da obra Retratos e Elogios¹⁹:

Muito nos desvanecemos, de que boa parte e mui principal da nação assim dos nobres, como dos sábios cooperasse mui generosamente a ajudar, e acreditar nossa empresa, aprovando-a, e dando para subscrição, a que os convidamos, seus nomes, que a posteridade por isso reconhecerá não menos dignos de louvor, e galardão, como nos agora do nosso público agradecimento²⁰.

¹⁸ Cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos. Escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1934, v. LVI, p. 294-295

¹⁹ Retratos e elogios dos varões, e donas, que illustraram a nação Portuguesa em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos, como modernos. Oferecidos aos generosos portugueses. Prologo. Daqui em diante *Retratos e elogios*.

²⁰ Ibidem.



Ao reconhecer a presteza com que nobres e sábios ajudavam e acreditavam a obra, o autor realça que estes terão seus nomes reconhecidos e louvados, senão no momento da edição, na posteridade. Um argumento com o claro intuito de persuadir seus leitores a ação: subscrever o trabalho.

Por se tratar de um trabalho de compilação, pois tanto os retratos quanto as biografias eram cópias de outros autores, o editor se apressava em anunciar as falhas que o trabalho continha e o prólogo fazia as devidas ressalvas, posto que a obra, impressa à medida das subscrições, corria o risco de conter erros:

Descuidos e não poucos temos do processo desta obra, em que se caiu por inadvertência, alguns e os de maior consideração declaramos aqui com toda ingenuidade e animo; e pedimos, e esperamos, que se hajam de corrigir em seus lugares. (...) O pouco conhecimento, que hoje ha da arte Heráldica, sei, que esconderia estes defeitos aos olhos de muitos, mas, todavia, são defeitos, e devemos confessá-los²¹.

A passagem acima fazia referência aos erros encontrados nos retratos, mas a parte textual não estava isenta de inconsistências, por isso era também preciso justificá-la:

Isto quanto aos retratos. Nos elogios pretendemos seguir com brevidade, o que mais pareceu certo a juízo dos sábios, sem nos embaraçar com disputas, que muitas vezes sustentaram por defender suas opiniões; procurando nas cousas o mais seguido e vulgar, sempre com a novidade de algumas, que acertamos a descobrir de Documentos verídicos; e nas palavras e frases (como seja a mais principal obrigação de quem escreve a clareza) toda a facilidade, a fim de poder qualquer perceber logo tudo a pouco custo. Depois da impressão advertimos, que alguns Epitafios vieram nos elogios sem pontualidade, antes com discrepancia dos proprios; assim se notará pouco exato o de Lopo Fernandes Pacheco, que por não termos então ocasião de o ver na pedra sepulcral, transcrevemos de Moreri: outros demo-los segundo os achámos copiados, ou não foram remetidos.

Estes são os erros que mais pareceu razão notar, para que se hajam de advertir ao ler estas Memorias, deixando outros menores, e de fácil emenda, que qualquer poderá acautelar. Merece contudo advertência especial o Elogio inteiro de Mattheus Fernandes, Arquitecto do Convento da Batalha, o qual como falso desacredita verdadeiramente a boa tenção, com que todos os outros se escreveram, procurando acertar-se na veracidade das cousas, e dizendo somente o que consta dos Historiadores ou Documentos, e se deve ter por sem dúvida.

Em satisfação dos Senhores Assinantes desta obra cumpre declarar, que este não foi o Elogio de Mattheus Fernandes que se fez para aquele Folheto; e o que nele está fez então publicar o Reverendíssimo P.M. Fr. Joze Marianno da Conceição Velozo, um dos sujeitos beneméritos, e que muito contribuiu para esta sociedade, sem que para isso concorresse a mesma sociedade. He ele tal, que deu, logo que apareceu, motivo

²¹ Ibidem.



de desgosto a muitos que o leram; porque além de empregar quatro páginas de longo e enfadonho preambulo entroncado na Torre de Babel, que nada diz ao assunto; o pouco ou quase nada, que traz dele, é escrito com tantas falsidades e contradições, que quase nos envergonhamos de o confutar²²; mas devemos fazê-lo por nos desafrontar²³.

Um detalhe importante é que a parte textual era nomeada elogio.²⁴ Termo cujo significado literal - discurso em louvor de alguém – foi seguido estritamente em toda obra como apontado em seu prólogo.

Mais uma vez se procura abrir as possibilidades de abrangência do trabalho pondo em segundo plano possíveis disputas de opinião dos biografados. Tornar o texto uma leitura fácil para que todos pudessem acessá-lo sem maiores dificuldades parece trazer uma preocupação em adequar o trabalho a outros possíveis leitores: *procurando nas coisas o mais seguido e vulgar, sempre com a novidade de algumas, que acertamos a descobrir de Documentos verídicos; e nas palavras e frases (como seja a mais principal obrigação de quem escreve a clareza) toda a facilidade, a fim de poder qualquer perceber logo tudo a pouco custo.*

A falta de exatidão era creditada à fragilidade da cópia: *outros demo-los segundo os achamos copiados, ou nos foram remetidos.* Contraditoriamente, o próprio texto desautoriza uma de suas biografias: o elogio de Matheus Fernandes que ali foi publicado é falso, ainda que todos os demais tenham sido produzidos com o que consta dos historiadores e documentos, ou seja, estes são verdadeiros e portanto, não devem ser contaminados pela falsidade daquele.

Afora toda a discussão sobre a veracidade das biografias e as possíveis imbricações destas com a escrita histórica deslindada no prólogo, *Retratos e Elogios* materializava a conexão de duas linguagens em uma só obra. Intercambiando dois discursos, a saber, o textual e o da imagem, seu objetivo fora elaborar uma memória histórica daqueles que ilustraram a nação portuguesa. Para tanto, a obra devia circular entre os mais diferentes públicos, leitor ou não, estivesse ele em Portugal ou na América Portuguesa. Por isso tamanha preocupação em mostrar as idas e vindas de sua elaboração.

²² Demonstrar a falsidade, a insubsistência; esclarecer. In: PINTO, Luís Maria da Silva. Dicionário da Língua Brasileira. Ouro Preto. 1832.

²³ Retratos e elogios.

²⁴ Segundo Sabina Loriga, “o termo “biografia” só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (tais como o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia)” (Cf. LORIGA, 2011).



Mas as biografias podiam ser também alvo do humor. Já em 1860 a Revista Popular lançava uma seção intitulada Physiognomias Brasileiras. No que parece ser a justificativa, assinada por Fluviano, fica evidente a intenção de tratar a escrita biográfica em tom humorado, embora trazendo para o texto críticas importantes ao gênero biográfico.

ESBOÇOS PARA UM DICCIONARIO BIOGRAPHICO.

Atenção!

(Prólogo manhoso em forma de anúncio grave e sublime)

Nestes rápidos traços, a que ousei dar o título pomposo de Fisionomias²⁵ brasileiras, reuni muitos rasgos característicos de nossos homens de estado, publicistas, jornalistas, poetas, filósofos, literatos, músicos, pintores, enfim, notabilidades e nulidades, que graças à civilização já temos de tudo.

Não são esboços completos; são apenas traços fisionômicos; uma ou outra anedota, um ou outro rasgo de espírito que pintam melhor o homem do que um discurso legislativo sob todas as ênfases parlamentares ou uma biografia a *parler d'or* ainda mesmo à Sisson.

Ora, se me pusesse a escrever a biografia de nossas notabilidades, não acharia papel no mundo; entre nós todos são notabilidades.

Entra-se para o ministério, e antes que se faça alguma cousa digna de recomendação da posteridade, já os senhores ministros acham-se retratados como astros que gravitam em torno do sol.

Hoje basta um homem sair deputado ou ser eleito membro do Instituto Histórico para que desde logo mereça as honras da imortalidade.

Por ora contentem-se os leitores com os mortos; e quem quiser merecer lugar distinto, honroso, celebre ou notável na minha *galeria* (grifo no original), não tem mais do que mandar-me certidão de óbito, que cá o classificarei entre os ausentes.

Eis aqui o meu programa, ou como se diz hoje, segundo a frase marítima, o molho, pois já se não come sem ele, mas, em compensação, pesca-se as bragas enxutas!

Espero que agrade aos leitores, que esse é o meu fito; pois, se sem maiorias não há ministros, sem leitores não ha escritores.

O que prometo é repetir a dose por várias vezes.

Fluviano²⁶

Em tom jocoso, o prólogo toca já no início em um tema caro aos biógrafos: as biografias podiam falar tanto das notabilidades quanto das nulidades, não citando claramente a quem se referia, afinal, por conta da civilização, aqui já havia de tudo. Ao citar a gama de funções que podiam ser exercidas pelos homens, por certo, o autor percebia a pluralidade da sociedade contemporânea. Mas sua maior crítica é voltada para a “moda” de transformar todos em notáveis, com direito a serem biografados sem o devido merecimento. Deixando de lado maiores fundamentos sobre a escrita biográfica, o alvo é a facilidade com que pessoas

²⁵ Arte de conjecturar pelas feições do rosto sobre a índole e hábitos do ânimo. PINTO, Luís Maria da Silva. Dicionário da Língua Brasileira. 1832.

²⁶ Revista popular, edição 0012, 1861, p.129.



rapidamente ganhavam direito à imortalidade, bastando tão somente se tornar ministro, deputado ou mesmo membro do Instituto Histórico. Certamente uma dura crítica ao trabalho de Sebastião Sisson que circulava desde 1857 em livrações e ganharia a forma de livro em 1859.

Em seguida são listados em ordem alfabética alguns personagens da história do Brasil.

ANCHIETA (padre José de). No dia 9 de junho de 1597 expirou na aldeia de Preritigbá o ilustre apóstolo do Novo Mundo José de Anchieta.

É um nome imortal nas tradições brasileiras.

Os índios carregarão o seu féretro sobre os ombros e o levaram para a freguesia de Nossa Senhora da Victoria, sede da Capitania do Espírito Santo, onde os jesuítas tinham casa conventual.

Passados anos, os restos mortais do grande homem foram encerrados numa urna de prata.

Os fiscos, por ocasião da extinção dos padres da companhia, apreendem os seus bens e com eles a urna de prata.

Hoje os ossos do ilustre jesuíta acham-se *arquivados* (grifo no original) na casa forte da tesouraria da província do Espírito Santo.

Anchieta, que passou em sua vida por profeta, nunca por certo previu tanta profanação.

O homem, que continha com seu aceno a sanha das onças e das serpentes, nada pôde conseguir pela magia da fama de seus milagres do mais terrível animal de nossos tempos – o fisco!²⁷

Sobre D. Pedro I as críticas foram ainda mais ríspidas:

PEDRO I (D.) estas datas e palavras resumem a vida do fundador do império:

9 de janeiro de 1822 – fico.

7 de setembro de 1822 – Independência ou morte!

25 de março de 1825 – Juro.

6 de abril de 1831 – Parto.

D. Pedro era amigo do laconismo.

²⁷ Ibidem, p.130.



Houve um ano, em 3 de setembro de 1829, que encerrou os infrutíferos e longos debates do nosso parlamento com a seguinte fala:

Augustos e digníssimos representantes da nação:

Está fechada a sessão!²⁸

José de Anchieta e D. Pedro I, nomes ilustres da história brasileira eram tratados como homens comuns. A crítica a Anchieta, vítima do fisco, era, sobretudo, uma alusão às riquezas da Companhia de Jesus e às diversas formas que a igreja católica conseguira para mantê-la. Ter a vida resumida em datas e palavras representa, acima de tudo, Pedro I como uma pessoa pouca afeita ao diálogo, um déspota. O que fica sintetizado com a última frase: está fechada a sessão!

Mas a escrita biográfica, além de identitária, histórica, exemplar e crítica humorada era também lugar de disputas políticas. Em 1861 uma intensa polêmica foi travada na imprensa por conta da publicação da biografia de Theófilo Benedicto Ottoni na Galeria dos Brasileiros Ilustres de Sebastião Sisson. Nesta serie de debates o que estava em jogo era a restituição da “verdade histórica” por parte dos que se sentiram diminuídos pela narração de fatos.

Em 16 de agosto de 1861, o Correio da Tarde, na seção chamada de Publicações a Pedido, em um artigo intitulado “a verdade histórica” nos mostra bem o tom da polêmica:

A verdade histórica

Não é tenção nossa discutir a autobiografia do Sr. Theófilo Ottoni, publicada na Galeria de Sisson. Outros que o fação se entenderem que devem ocupar-se com essa nova manifestação do homem que se proclama o *mais popular do império e o ídolo do partido liberal* (grifo no original). A nossa intenção ocupando algumas linhas do Jornal do Comercio é mais simples; é o restabelecimento de um ponto da verdade histórica que o biógrafo alterou, sacrificando até a gloria do seu herói, a intenção de lançar o estigma da deslealdade e de crueza no nobre caráter do general que acabou com a rebelião de 1842.

Diz o biógrafo:

“O Sr. Ottoni, com alguns outros chefes insurgentes esperaram a entrada do exército vencedor e *entregaram-se* (grifo no original) ao Sr. Marques de Caxias. ”

E prossegue:

Homens que não possuem a inteligência necessária para compreender que um réu de crime político, longe de parecer-se com um criminoso ordinário, revela as (*) mais das vezes uma alma nobre e patriótica, não duvidaram usar para com o Sr. Ottoni e

²⁸ Revista popular, edição 0012, 1861, p. 136-137.



seus companheiros de injustificáveis rigores; cumpre porém confessar que esse procedimento cessou no segundo dia de viagem²⁹.

A resposta seria dada no periódico *A Actualidade* poucos dias depois:

Batalha de Santa Luzia

No *Jornal do Comércio* de 17, respondendo ao artigo – Verdade histórica – publicado nesta mesma folha no dia anterior, comprometi-me a provar na *Actualidade* (grifo no original): 1º que o Sr. Theophilo Ottoni e outros chefes da revolução de 1842 foram vítimas de rigores que ninguém poderá justificar; 2º, que o Sr. Ottoni esperou em Santa Luzia o exército vencedor para entregar-se à prisão; 3º, que o Sr. Ottoni não deu vivas ao Sr. Barão, hoje Marques de Caxias. Nessa mesma ocasião disse que pediria ao Sr. Ottoni todos os documentos, todas as informações que a esse respeito possuísse. O ilustre mineiro correspondendo ao apelo que lhe fiz, teve a bondade de mandar-me o artigo seguinte, acompanhado de documentos da maior importância.

Esse escrito é a prova mais completa da exatidão com que na biografia do Sr. Ottoni, publicada na *Galeria dos brasileiros ilustres*, do Sr. Sisson, narrei os acontecimentos imediatamente posteriores à batalha de Santa Luzia.

F. Farnése.³⁰

As discussões se prolongaram em outras edições, mas o que podemos inferir das duas passagens é que narrar a vida de contemporâneos era uma empresa pouco consensual frente às injunções das disputas políticas momentâneas. Vitima ou algoz, herói ou covarde, verdade ou mentira, exato ou inexato são os termos subjacentes às falas que se opõem. Restabelecer a verdade histórica através da biografia era a premissa dos dois articulistas. Se de um lado o relato era chamado de autobiográfico e, portanto, passível do sentimento de soberba, e por isso contestado, de outro, os documentos eram tomados como prova inequívoca da “verdade histórica”. Ambos os lados tinham a convicção da importância da escrita biográfica para o convencimento político. Mas o mais relevante, naquele momento, evidenciado pelo peso dado a algumas palavras, eram questões morais que se sobrepunham a verdade histórica: saber se Ottoni havia sido capturado por Caxias ou se entregado. Se Caxias, como um honrado militar, tratara seu prisioneiro com respeito ou não. Provar, portanto, o espírito elevado das partes da disputa.

²⁹ *Correio da tarde*, 16 de agosto de 1861.

³⁰ *A Actualidade*. *Jornal político, litterario e noticioso*. Número 153, 24 de agosto de 1861.



As acusações podiam ter outro formato. O Regenerador de 17 de agosto de 1861 faz uma crítica mais ácida à biografia de Ottoni.

São palavras com que conclui o esboço biográfico do Sr. Ottoni na galeria-Sisson. Quem está no Rio de Janeiro sabe como se fazem essas publicações; a personagem que vai ser biografada dá informações, e sobre elas um amigo escreve, mais ou menos modestamente, as principais circunstâncias da vida da personagem; ás vezes é a própria personagem quem, sabendo belamente que ninguém pode ser mais zeloso da sua gloria do que ela própria, encarrega-se de escrever o que de si quer que digam.

Em qual dos dois casos estará a biografia do Sr. Ottoni? Basta lê-la, e recordar-se do folheto circular com que esse Sr. pediu aos eleitores mineiros os seus votos para senador e para deputado: toda duvida desaparecerá.

Duvidamos que Nero, ou Calígula, esses monstros talvez os mais adulados de todas as personagens da antiguidade, recebessem algum dia apoteose mais solene e retumbante do que, nesse monumento à mentira erguido por M. Sisson, recebeu o Sr. Ottoni.

Apre! Nem tanto assim! Dirá o mais devotado ottoniano; nem tanto assim! Dirá aquele mesmo que em dezembro pelo Mercantil apregoou que, para ser bom deputado, era necessário- 1º ser Teófilo; 2º ser Benedicto; 3º Ottoni!³¹

Palavras duras que mostram um lado pouco estudado das biografias oitocentistas: as discussões sobre as imbricações da escrita biográfica com as questões políticas/pessoais contemporâneas, as acusações de manipulação dos fatos relacionados às personagens da política imperial ou mesmo do personalismo/individualismo que tomava vulto naquela sociedade. Ou seja, o alvo da crítica é a elaboração destas notoriedades e como elas foram elaboradas.

Percebemos então que a escrita biográfica percorreu um longo e sinuoso caminho desde as primeiras décadas do século XIX. Em seus mais variados usos ela passou da mera exemplaridade nos primeiros anos, serviu como recreio, instrução, guia de compras de obras musicais, mas foi também objeto do humor, do chiste e das disputas políticas.

Referências bibliográficas

AVELAR, Alexandre de Sá. Apresentação ao dossiê. Biografias: reflexões e experiências de escrita. **Cadernos de História**, Mariana, ano IX, nº2, p.8-11, dez. 2014.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

³¹ O Regenerador. 17 de agosto de 1861.



BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **A modernidade de Baudelaire/** apresentação de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Anais. Cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. 1934, V. LVI.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. Histórias de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (org.). **O Brasil Imperial, Vol. II: 1831-1870.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 425-465.

JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem incompleta.** A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. p.127-175.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 225-249.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, v.10, n.19, p.7-16, jul/dez, 2009.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna.** São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.